

António Mota

# Os Heróis do 6.º F

ASA



# 1

– Lembras-te dele, Manuela?

Minha mãe costuma fazer essa pergunta quando me penteia devagarinho os cabelos compridos, pretos e lisos que me dão até meio das costas.

E eu respondo, às vezes com impaciência:

– Sim!

Estou farta de saber o que acontece logo de seguida: fica com a escova no ar, esquecida dos meus cabelos, da minha trança. Pouco depois, deixa soltar um breve suspiro.

Ai, tantas vezes já embirrei com esta cabeleira muito preta, que tanto trabalho dá a lavar, a pentear e a entrançar, com um laço a fazer um ponto final de veludo a meio das costas! Só ando com a cobra às costas, como já uma vez lhe chamaram, para fazer a vontade à minha mãe.

Tantas vezes lhe tenho dito:

– Qualquer dia corto o cabelo!

E ela:

– Nem penses, Manuela! Nem penses! Davas-me um desgosto tão grande!

– A mãe não sabe o que custa andar assim... Toda a gente me puxa a trança.

– Não tens mãos para te defender, rapariga?

Não respondo. Estou farta de lhe explicar que sou a única aluna da escola a usar trança. E essa diferença paga-se com as gracinhas que alguns palermas da minha turma, que é o 6.º F, andam sempre a inventar. A última foi:

– Porque é que a Manuela usa trança tão apertadinha? É para os piolhos não terem frio...

O Miguel é que começou com essa conversa. O Miguel é um magricela de catorze anos. Não estuda nada, falta muito às aulas, está sempre a mandar piadas, tem o cabelo comprido e montes de borbulhas na cara que ele passa a vida a espremer muito deliciado.

Bato palmas até me doerem as mãos quando o *stôr* Andrade, que é o nosso profe de educação física, finta com muita classe o guarda-redes Miguel: chuta a bola devagarinho, mete golo, levanta os braços e ri-se. E nós:

– Goooooooooooo... loooo! Golo do Benfica!

Que gosto me dá ver o portista Miguel estendido no chão, depois duma queda aparatosa e a dar murros para o ar...

Alto, elegante, com olhos azuis e cabelo curtinho, sempre muito bem cheiroso e barbeado, o *stôr* Andrade é tão bonito!

Na semana passada, a meio da manhã, mesmo no fim da aula de Português, quando a campainha já tocava, a *stôra* Emília, nossa diretora de turma, baixinha, magrinha, com uma voz rouca, sempre de jeans e camisola, disse que o Miguel tinha de ir com ela ao Conselho Diretivo.

– Mas eu não fiz nada, *stôra!*

– Pois não.

– Então o que é que vou lá fazer?

– Não te preocupes. O Conselho Diretivo não é nenhum papão!

– E eu vou ficar sem intervalo?

– Não, que ideia!...

– Não posso ir lá amanhã? Eu prometo que não falto... a sério, *stôra*...

– É melhor ires agora!

– Mas eu não fiz nada...

– Mais uma razão para não estares tão aflitinho.

E o Miguel de repente resumido a um fiozinho de voz que até dava pena:

– Está bem, eu vou. Mas, antes, preciso de ir à casa de banho. Estou apertado...

– Então desperta-te!... Fico aqui à tua espera.



## 2

– Lembras-te dele, Manuela?

Digo à minha mãe que sim, que me lembro muito bem, mas não é verdade. Às vezes até me sinto um bocado mal por estar a mentir. Mas eu vejo os olhos dela a ficarem com um brilho diferente, e depois de uns breves segundos de profundo silêncio lá aparece o inevitável suspirozinho. É esse suspiro, que quase não se ouve, que me tira a coragem para lhe dizer que é mentira, que já não me lembro muito bem dele.

É tudo muito confuso, muito vago, assim como se fosse uma nuvem de poeira a cercar-me.

Ele, sempre ele.

Quando aquilo aconteceu, como gosta de dizer a minha mãe com uma entoação na voz muito especial, eu só tinha cinco anos.

Do trator que ele conduzia consigo lembrar-me: era verde, tão verde como a hortelã que eu ia apanhar ao quintal e passava a vida a mastigar como se fosse

pastilha elástica, e ainda hoje gosto de fazer isso, sobretudo quando fico triste sem saber bem porquê. O trator cheirava imenso a gasóleo e tinha um dos espelhos do retrovisor rachado. Também me lembro daquelas rodas enormes a passarem por cima da minha boneca pequenina e a esmagaram-lhe a cabeça. Por causa dessa decapitação chorei desalmadamente, abraçada ao que restava da boneca. Minha mãe diz que só me calei depois de adormecer. Não sei explicar esta estupidez, mas a verdade é que, mesmo degolada, continuo a guardar a boneca no fundo do gavetão da minha roupa, à beira das meias e das cuecas.

Da motorizada que ele passava a vida a lavar e a afinar lembro-me muitíssimo bem. Era vermelha e reluzia imenso. E parece que ainda hoje consigo ouvir o ronco daquele motor que, acelerado ao máximo, punha as galinhas a cantar e os gatos a fugir. Eu achava muita piada àquilo. Hoje tenho a certeza de que o meu pai acelerava daquela maneira só para me ver rir.

Nos domingos em que não chovia, depois do almoço, meu pai costumava levar-nos a passear na motorizada. Íamos os três em cima do selim: ele na frente com as mãos nos manípulos, e eu no meio a sentir os braços de minha mãe enroscados no peito do meu pai. Sabia-me bem viajar naquela espécie de ninho, sempre tão quente, protegida da brisa, protegida de tudo. Sabia-me bem ir assim embalada e a ver tudo a correr para trás.

Às vezes parávamos em casa dos meus avós, pais do meu pai, que nessa altura moravam longe da Barroca.

A avó Elvira, também minha madrinha, abria o gavetão imenso duma mesa escura que havia no meio da sala e tirava de lá de dentro uma lata de folha amarela. Aquela lata, que tinha num dos lados a gravura de um cão com o pelo muito encaracoladinho, era para mim um tesouro. Lá dentro havia biscoitos de limão muito doces, muito duros, muito redondos. A avó Elvira metia dois punhados deles nos dois bolsos das minhas calças de ganga e recomendava:

– Não os comas todos de uma vez.

– Sim, madrinha.

E eu engolia-os num instantinho. Ela ria-se e voltava a encher-me os bolsos.

Quando voltávamos para casa, já com a noite a espreitar, eu lá vinha com os bolsos cheios de biscoitos, aconchegada no ninho vermelho, e adormecia outra vez.

É por isso que eu não me lembro do que a minha mãe me conta agora, sempre com os mesmos pormenores.

Para encurtar a conversa, que na boca dela dá à vontade para meia hora bem esticada, o que aconteceu depois foi mais ou menos assim:

Num domingo de outubro, depois de os meus pais terem andado a ajudar a fazer a vindima em casa de meus avós, ao voltarmos para a Barroca já de noite, estampámo-nos em plena descida da serra. Parece que a roda

traseira furou de repente e a motorizada começou a fazer ziguezagues; depois levantou voo e foi aterrar junto de um ribeiro, onde havia imensos pedregulhos e um matagal de silvas.

Apesar do grande trambolhão, das voltas e virotes, tive a sorte de não me magoar, e minha mãe só ficou com as pernas e os braços cheios de picos e arranhões.

– Ai, minha filha, quando eu vi que ele não se mexia, comecei logo a gritar. Mas quem é que nos havia de valer ali naquele fundão cheio de silvas, e de noite? Peguei em ti ao colo e pus-me a caminhar pela serra, sem saber para onde é que ia. Estava tão aflita que nem dei conta de que tinha perdido os sapatos. Pisava os picos do tojo da serra como se fossem algodão e corria, corria e gritava muito alto, ai quem me ajuda, ai quem me ajuda. Depois de muito andar, bati na primeira porta onde vi luz. Viviam lá dois velhotes que logo vieram atrás de mim com lampiões acesos, porque naquele tempo a luz elétrica ainda não tinha aparecido por estes lados. Quando chegámos à beira da motorizada, vimos que já não se podia fazer nada.

Foi um funeral muito concorrido! Veio gente de todo o lado e a campa ficou completamente coberta de coroas de flores, algumas bem caras.

Esta conversa já foi repetida mais de mil vezes e eu acabo sempre a perguntar, irritada:

– E que interessa que tenha vindo gente de todo o lado?

E ela responde:

– Cala-te, não sabes o que estás a dizer! Tu não percebes nada do mundo!

E daí a nada:

– A vida estava a correr-nos tão bem... Se o teu pai fosse vivo, a nossa casa já não estava assim...

No quarto, em cima da cómoda, há uma pequena moldura de plástico castanho com a fotografia de meu pai onde sobressaem uns olhos muito abertos e o esboço de um sorriso.

No guarda-fatos, que tem uma porta com as dobradiças quase soltas, há um cabide de madeira que segura um fato azul com bolas de naftalina nos bolsos, uma camisa branca com colarinhos que já não se usam e uma gravata azul com pintinhas brancas. Estou farta de saber que foi a roupa que ele vestiu no dia em que se casou com a minha mãe.

Por cima do guarda-fatos, metido numa saca de plástico preta, está o capacete que ele raramente usava. Parece um penico bege, com dois furinhos de cada lado.

O meu bilhete de identidade diz que sou filha de Alberto Rodrigues Baptista e de Adelina Rosa Monteiro.



Minha mãe não ligou grande importância. Mas eu queria tanto que ela compartilhasse comigo aquela alegria.

Queria contar-lhe tudo, devagarinho, palavrinha por palavrinha, assim como quem compartilha um gelado a meio duma tarde de muito calor.

Ela estava na cozinha quando eu cheguei da escola. Como é costume, trazia os ombros doridos com a marca das alças da mochila que só este ano já foi cosida duas vezes. Muito pesa a minha mochila! Também não admira: é lá que eu meto a tralha toda. Os livros têm quase trezentas páginas, e alguns pesam pelo menos 650 gramas. Foi a minha mãe que os pesou na balança de cozinha que ela está sempre a usar para fazer bolos.

Alguns livros têm as páginas repletas de letrinhas tão pequeninas, tão miudinhas que a minha mãe até costuma dizer:

– Credo, Santíssima Trindade! Quem inventou essas letras se calhar também é oculista!

E eu rio-me.

– Ó minha filha, o negócio está em toda a parte...

De livros pode saber pouco, mas de bolos, bolinhos de bacalhau, croquetes e rissóis percebe a senhora Adelina.

É deles que a gente vive. Minha mãe derrete a vida na cozinha a encher tabuleiros, como ela gosta de dizer, para embelezar as mesas dos casamentos, batizados, aniversários e todas as outras festas que resolvem inventar. Mas a coroa de glória de minha mãe é, sem dúvida, o bolo de maçã.

A receita já eu a sei de cor: 400 gramas de farinha, 250 gramas de manteiga, 6 ovos que não sejam de aviário, 6 colheres (de sopa) de leite, 400 gramas de açúcar, 2 colheres (de chá) de fermento, 4 maçãs descascadas.

Bate-se muito bem a manteiga e 300 gramas de açúcar. Junta-se uma colher de leite e uma gema e volta-se a bater. Junta-se outra gema e outra colher de leite, e assim sucessivamente, até acabarem os ovos. Com a varinha mágica batem-se as claras em castelo. Aos poucos, juntam-se a farinha e duas colheres (de chá) de fermento e mexe-se tudo muito bem. Unta-se uma forma com manteiga e deita-se lá para dentro a massa. Por cima da massa põem-se os gomos de quatro maçãs descascadas e polvilham-se com 200 gramas de açúcar. Mete-se a forma no forno já quente e espera-se que coza.

Eu detesto o bolo de maçã, e a minha mãe limita-se a cheirá-lo com um ar sabedor. Espeta-lhe um palito para ver se está cozido e, antes de o embalar com mãozinhas de veludo, diz sempre a mesma coisa:

– Não desmerece, não desmerece.

Minha mãe não ligou grande importância. Mas eu gostava tanto que ela me ouvisse com muita atenção, que se sentasse na cadeira, que olhasse para mim e dissesse:

– Conta lá.

Isto é um sonho, é claro.

E eu então dizia-lhe que na aula de EVT o profe disse que o meu desenho tinha sido escolhido para representar o 6.º F na coleção de doze postais que a escola vai editar para depois nós vendermos. A essa venda chama-se angariação de fundos. Vamos lá ver se o dinheiro chega para comprar um vídeo novo para a escola, porque o que existe, coitado, serve para fazer uma triste decoração.

O profe de EVT chama-se Orlando. É alto, magro, usa um brinco na orelha esquerda, tem o cabelo comprido e muito preto, e às vezes trá-lo apertado com um elástico. De tão barbeada, a sua cara morena até parece que brilha, e o *aftershave* que usa é muitíssimo suave. Toda a roupa que veste é sempre de cor preta. Na escola cochicha-se que ele faz a sua própria roupa, outros dizem que é um pintor que também dá aulas, e há quem jure que é de raça cigana. Ninguém tem coragem para lhe perguntar nada porque ele só veio para cá dar aulas este ano.

– O desenho da Manuela é muito original! – disse o professor.

O meu coração começou a bater com muita força. A cara ficou a ferver.

O desenho foi afixado no quadro de cortiça que às vezes perde os parafusos e cai da parede sem ninguém lhe tocar. O senhor Leitão, que parece que é o funcionário mais habilidoso da escola, lá aparece de vez em quando com a chave de parafusos. Uma semana depois, ou nem isso, o quadro volta a cair...

O meu desenho é mais ou menos assim: uma rapariga de cabelo curtinho e saia comprida segura com as duas mãos a escola que traz poisada em cima da cabeça.

– Coitadinha da miúda, as pernas parecem duas minhocas!... – disse o Miguel, e a turma riu. Naquela altura, se eu estivesse junto dele, era bem capaz de ganhar coragem para lhe dar pelo menos uma canelada.

– Este desenho pode ter muitas interpretações – disse o professor.

Ninguém disse nada.

– Agora vamos admirar o trabalho do senhor Miguel.

– Não vale a pena, *stôr*... A minha obra de arte é para gente crescida...

O professor pregou o trabalho do Miguel na cortiça cheia de buraquinhos onde alguém gravou com o bico de uma tesoura, com a ponta de um canivete ou talvez com o bico do compasso a frase com umas letras muito artísticas: “I love Maria João”.

A folha estava cheia de manchas vermelhas, pretas e azuis, tinha quatro dedadas, dois olhos muito abertos e no meio, bem destacada, estava uma bomba a rebentar, como se vê nos desenhos animados. E no canto direito

três letras muito grandes, tremidas, e um ponto de exclamação: PUM!

– Não percebo muito bem o seu desenho, Miguel. Pode dar-nos uma ajuda?

O Miguel fez-se esquisito.

Vinte e nove vozes, com a minha incluída, pois claro, pediram todas ao mesmo tempo:

– Explica, Miguel! Anda lá, Miguel!

– Ora bem, o que vocês estão a ver é uma obra de arte, é uma coisa complicada. Só os inteligentes são capazes de perceber.

– Explica, Miguel! Anda lá, Miguel!

– O meu desenho é um bocado futurista. O desenho diz que a escola é uma chatice, os professores são uns chatos e os livros não interessam nem ao Menino Jesus. Se a escola explodisse, ficávamos todos numa *nice*. PUM!, e já era...

E a turma:

– Pum!

O professor, com aquela voz muito calma, contrapôs:

– Ó Miguel, olhe que a destruição nunca levou a lado nenhum.

– Eu sei, *stôr*. Mas sonhar não faz mal a ninguém... Esqueça, o desenho da miúda está giro, eu estava a brincar, *stôr*.

Detesto que o Miguel me chame miúda. Ele é mais alto, está bem, mas eu não sou assim tão miúda. Já tenho treze anos e três meses, e se ele olhasse para mim com

mais um bocadinho de atenção bem podia reparar que o meu corpo está a ficar diferente, a cada dia que passa.

Acho que os rapazes da minha turma não conseguem ver certos pormenores porque ainda são muito infantis.